

# Fronteiras de guerra e de negociação.

## O confronto entre Portugal e a Monarquia Hispânica (1640-1668)

Livro de Resumos | Book of Abstracts



### Coordenadores

André Murteira, Carolina Esteves Soares, David Martín Marcos, Maria Barreto Dávila, Pedro Cardim

8-9 de outubro de 2018, NOVA FCSH



# **Fronteiras de guerra e de negociação.**

## **O confronto entre Portugal e a Monarquia Hispânica (1640-1668)**

**Livro de Resumos | Book of Abstracts**

### **Coordenadores**

André Murteira, Carolina Esteves Soares, David Martín Marcos, Maria Barreto Dávila, Pedro Cardim

8-9 de outubro de 2018, NOVA FCSH



*Fronteiras de guerra e de negociação. O confronto entre Portugal e a Monarquia Hispânica (1640-1668). Livro de resumos / Book of abstracts*

Coordenação / Organização:

André Murteira, Carolina Esteves Soares, David Martín Marcos,  
Maria Barreto Dávila, Pedro Cardim

Autores: Vários

Imagem da capa:

Lisboa, Pier Maria Baldi

1668-69

(<http://purl.pt/12926>)

Edição

CHAM — Centro de Humanidades

Faculdade de Ciências Sociais e Humana / Universidade NOVA de Lisboa

Universidade dos Açores

E [cham@fcsch.unl.pt](mailto:cham@fcsch.unl.pt) | W <http://www.cham.fcsch.unl.pt>

Lisboa, 8 de Outubro de 2018

© CHAM e Autores.

Copyright:

Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY 4.0).

Apoios:

Este evento e esta publicação tiveram o apoio do CHAM / NOVA FCSH—UAc, através do projecto estratégico financiado pela FCT (UID/HIS/04666/2013).



GOBIERNO  
DE ESPAÑA

MINISTERIO  
DE CIENCIA, INNOVACIÓN  
Y UNIVERSIDADES

*Fronteiras de guerra e de negociação. O confronto entre Portugal e a Monarquia Hispânica (1640-1668)*

Comissão Organizadora:

André Murteira

Carolina Esteves Soares

David Martín Marcos

Maria Barreto Dávila

Pedro Cardim

Comissão Científica:

Ana Isabel Buescu

André Murteira

David Martin Marcos

João Paulo Oliveira e Costa

Maria Dávila

Pedro Cardim

Apoios

*Proyecto Cultura y comunicación de las elites aristocráticas ibéricas del siglo de oro: signos de reconocimiento y formas de vida*, coordinado por Fernando Bouza Álvarez, da Universidad Complutense de Madrid, financiado pelo Ministerio de Ciencia e Innovación y Universidades de España (HAR2017-83330-P).

Embaixada de Espanha em Lisboa

Fundação para a Ciência e a Tecnologia



# PROGRAMA

## 8 DE OUTUBRO

### **9H00 | SESSÃO DE ABERTURA**

Consejero de Educación, Embaixada de Espanha em Portugal,  
Subdirector da NOVA FCSH, Pedro Cardim (CHAM / NOVA FCSH),  
David Martín Marcos (UNED)

### **9H15 | CONFERÊNCIA DE ABERTURA**

Sessão presidida por David Martín Marcos (UNED)  
Christopher Storrs (University of Dundee) | *How wars end*

Debate

10h15 | Pausa para café

### **10H30 | GUERRA**

Sessão presidida por Alexandra Pelúcia (CHAM / NOVA FCSH)

Fernando Dores Costa (IHC-UNL) | *A economia moral da guerra no tempo da Restauração*

Jorge Penim de Freitas | *Entre a espada e a pena: as "Regras Militares da Cavalaria Ligeira" de D. João de Azevedo e Ataíde*

María del Carmen Saavedra Vázquez (Universidade de Santiago de Compostela) | *La Guerra entre Portugal y España vista desde Galicia: sus efectos sobre la organización militar*

Debate

12H00 | Pausa para almoço

## **14H30 | PAZ – DIPLOMACIA E CULTURA POLÍTICA**

Sessão presidida por Ana Leal de Faria (CH-ULisboa)

Joana Fraga (ICS-UL) | *"Apagar com sangue o que se escrevera com tinta": textos e imagens da revolta portuguesa de 1640"*

Iván Gracia (Universitat de Barcelona) | *Narrativas de la violencia: la Revuelta Catalana (1640) y la Monarquía Hispánica*

Pedro Cardim (CHAM / NOVA FCSH) | *Conquista, colonização e escravatura na guerra de propaganda entre Portugal e a Monarquia Hispânica*

Carolina Esteves Soares (CHAM / NOVA FCSH) | *As negociações entre Portugal e Castela para o Tratado de Paz (1665-1668)*

Debate

16H00 | Pausa para café

## **16H15 | PAZ – DIPLOMACIA E CULTURA (cont.)**

Sessão presidida por Nuno Gonçalo Monteiro (ICS-UL)

Felipe Vidales del Castillo (Universidad Complutense de Madrid) | *"What is the way of planting their vinos and oyles? And what the greatest depth of their mines?" Los intereses de la Royal Society en la negociación del Tratado de Lisboa (1663- 1668)*

José María Iñurritegui (UNED) | *La Restauração y la taxonomía de los intereses de los estados*

José Antonio Guillén Berrendero (Universidad Rey Juan Carlos) | *Que somos nós: a honra e o sangue em João Pinto Ribeiro e António de Villas Boas e Sampaio*

Miguel Ángel Melón (Universidad de Extremadura) | *Planificar lo imposible. El discurso militar ilustrado para recuperar lo perdido en 1668*

Debate

Apresentação do “FORUM de História Moderna” da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

António Camões Gouveia e André Godinho (CHAM / NOVA FCSH)

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

## 9 DE OUTUBRO

### **10H00 | FRONTEIRA**

Sessão presidida por Ana Isabel Buescu (CHAM / NOVA FCSH)

Luis Salas Almela (Universidad de Córdoba) | *La casa de Medina Sidonia y la guerra en la frontera (siglos XVI y XVII)*

David Martín Marcos (UNED) | *“No se había roto la guerra en todas las fronteras”. Tréguas locais, uma alternativa ao conflito na Raia luso-espanhola, 1640-1668*

Debate

11H00 | Pausa para café

### **11H15 | FRONTEIRA (CONT.)**

Sessão presidida por Miguel Cruz (ICS-UL)

Antonio José Rodríguez Hernández (UNED) | *El ejército de la Monarquía Hispánica en su intento por recuperar Portugal*

António Camões Gouveia (CHAM-FCSH/UNL) | *Coisas, Animais e Armas em Panfletos das Escaramuças na Raia*

André Murteira (CHAM-FCSH/UNL) | *A tradição militar portuguesa fora da Europa e a guerra da Restauração*

Debate

13H00 | Pausa para almoço

### **14H30 | CONFRONTOS NO ATLÂNTICO E NA ÁSIA**

Sessão presidida por Joaquim Romero Magalhães (FE-UC)

João Paulo Oliveira e Costa (CHAM / NOVA FCSH) | *D. João IV e o Império*

José Manuel Santos Pérez (Universidad de Salamanca) | *Entre dos "restauraciones". Cambios y permanencias en el Brasil post-"hispanico"*

Luís Costa e Sousa (CHAM / NOVA FCSH) | *Guerra da Restauração no Brasil, entre "gente armada e desarmada"*

José Moura Ferreira(CHAM / NOVA FCSH) | *"A todas as cidades, lugares e fortalezas": A Restauração de 1640 e o Estado da Índia*

Debate

### **16H30 | CONCLUSÕES**

Fernando Bouza Álvarez (Universidad Complutense de Madrid)  
Mafalda Soares da Cunha (CIDEHUS - Universidade de Évora)

# Índice

	Página
André Murteira (CHAM-FCSH/UNL)   <i>A tradição militar portuguesa fora da Europa e a guerra da Restauração</i>	10
António Camões Gouveia (CHAM-FCSH/UNL)   <i>Coisas, Animais e Armas em Panfletos das Escaramuças na Raia</i>	12
Antonio José Rodríguez Hernández (UNED)   <i>El ejército de la Monarquía Hispánica en su intento por recuperar Portugal</i>	13
Carolina Esteves Soares (CHAM / NOVA FCSH   <i>As negociações entre Portugal e Castela para o Tratado de Paz (1665-1668)</i>	15
Christopher Storrs (University of Dundee)   <i>How wars end</i>	17
David Martín Marcos (UNED)   <i>"No se había roto la guerra en todas las fronteras". Tréguas locais, uma alternativa ao conflito na Raia luso-espanhola, 1640-1668</i>	18
Felipe Vidales del Castillo (Universidad Complutense de Madrid)   <i>"What is the way of planting their vinos and oyles? And what the greatest depth of their mines?" Los intereses de la Royal Society en la negociación del Tratado de Lisboa (1663- 1668)</i>	20
Fernando Dores Costa (IHC-UNL)   <i>A economia moral da guerra no tempo da Restauração</i>	22
Iván Gracia (Universitat de Barcelona)   <i>Narrativas de la violencia: la Revuelta Catalana (1640) y la Monarquía Hispánica</i>	24
Joana Fraga (ICS-UL)   <i>"Apagar com sangue o que que se escrevera com tinta": textos e imagens da revolta portuguesa de 1640"</i>	26
João Paulo Oliveira e Costa (CHAM / NOVA FCSH)   <i>D. João IV e o Império</i>	28

Jorge Penim de Freitas   <i>Entre a espada e a pena: as "Regras Militares da Cavalaria Ligeira" de D. João de Azevedo e Ataíde</i>	30
José Antonio Guillén Berrendero (Universidad Rey Juan Carlos)   <i>Que somos nós: a honra e o sangue em João Pinto Ribeiro e António de Villas Boas e Sampaio</i>	31
José Manuel Santos Pérez (Universidad de Salamanca)   <i>Entre dos "restauraciones". Cambios y permanencias en el Brasil post-"hispánico"</i>	32
José María Iñurritegui (UNED)   <i>La Restauração y la taxonomía de los intereses de los estados</i>	33
José Moura Ferreira(CHAM / NOVA FCSH)   <i>"A todas as cidades, lugares e fortalezas": A Restauração de 1640 e o Estado da Índia</i>	34
Luís Costa e Sousa (CHAM / NOVA FCSH)   <i>Guerra da Restauração no Brasil, entre "gente armada e desarmada"</i>	35
Luis Salas Almela (Universidad de Córdoba)   <i>La casa de Medina Sidonia y la guerra en la frontera (siglos XVI y XVII)</i>	38
María del Carmen Saavedra Vázquez (Universidade de Santiago de Compostela)   <i>La Guerra entre Portugal y España vista desde Galicia: sus efectos sobre la organización militar</i>	39
Miguel Ángel Melón (Universidad de Extremadura)   <i>Planificar lo imposible. El discurso militar ilustrado para recuperar lo perdido en 1668</i>	41
Pedro Cardim (CHAM / NOVA FCSH)   <i>Conquista, colonização e escravatura na guerra de propaganda entre Portugal e a Monarquia Hispânica</i>	44

**André Murteira (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa) | *A tradição militar portuguesa fora da Europa e a guerra da Restauração***

O rebentar da Guerra da Restauração em 1640 representou para Portugal um envolvimento de décadas numa guerra europeia. Este tipo de guerra era estranha àquela que fora até então a tradição militar dominante do reino na era moderna, pois desde o fim do século XV que o grosso dos conflitos travados por portugueses ocorreu fora da Europa e contra oponentes maioritariamente não-europeus. Tal constituiu uma diferença importante em relação à vizinha Monarquia Hispânica, que no mesmo período manteve uma presença militar importante tanto dentro como fora da Europa. A União Ibérica de 1580-1640 não alterou de modo significativo esta situação, dada a escassa participação de Portugal nos conflitos europeus da Monarquia. O alheamento luso dos teatros europeus, tidos como militarmente mais avançados, tem contribuído para a ideia de um 'primitivismo' militar português, favorecido pelo confinamento de portugueses a guerras ultramarinas. Esta comunicação procurará discutir a pertinência presente desta ideia, à luz das discussões historiográficas recentes sobre a existência ou não de uma superioridade militar ocidental evidente sobre os povos não europeus no período moderno.

***The Restoration War and Portuguese Military Tradition outside Europe***

The onset of the Restoration War in 1640 meant that Portugal was involved for decades in a European war. This type of war was foreign to what had been the dominant military tradition of the kingdom in the early modern period, when the bulk of the conflicts fought by the Portuguese took place outside Europe, against mostly non-European opponents. This was an important difference

in relation to the Spanish Monarchy, which in the same period maintained an important military presence both inside and outside Europe. The Iberian Union of 1580-1640 did not significantly change this situation, given Portugal's reduced participation in the European conflicts of the Monarchy. The weak Portuguese presence in European theatres, seen as militarily more advanced, has contributed to the idea of Portuguese military "primitivism", favoured by the confinement of the Portuguese to wars outside Europe. This paper will seek to discuss the present relevance of this idea in the light of recent historiographical discussions about the existence or not of an evident Western military superiority over non-European peoples in the early modern period.

**André Murteira**, é investigador integrado do Centro de Humanidades (CHAM), da Universidade Nova de Lisboa. Mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa, em 2006, com a dissertação *A Carreira da Índia e o curso neerlandês (1595-1625)*, publicada em 2012 (*A Carreira da Índia e o curso neerlandês, 1595-1625*, Lisboa: Tribuna da História, 2012). Doutor em História, variante História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, pela Universidade Nova de Lisboa, em 2016, com a dissertação *A navegação portuguesa na Ásia e na rota do Cabo e o curso neerlandês, 1595-1625*, sobre o curso neerlandês contra a navegação portuguesa na Ásia e entre a Ásia e a Europa entre 1595 e 1625. Foi bolseiro de mestrado da Fundação Oriente em 2002-2003 e bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia em 2008-2012 (referência da bolsa: SFRH/BD/36004/2007). Tem publicado em várias colectâneas de estudos e em periódicos como *Anais de História de Além-Mar*, *Oriente* e *Revista de Cultura (Macau)*. Interessa-se pela história do curso europeu no período moderno, sobretudo do curso neerlandês, secundariamente do inglês e do francês, cujas

actividades contra a navegação portuguesa estudou no seu mestrado e doutoramento.

**António Camões Gouveia (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa e CEHR, Universidade CATÓLICA Portuguesa) | Coisas, Animais e Armas em *Panfletos* das Escaramuças na Raia**

Esta comunicação tem por base os “panfletos” que inundaram o Reino com relatos de batalhas e, sobretudo, escaramuças fronteiriças durante a guerra. Com os objectos na mira da investigação, procurar-se-ão documentar aspectos de uma vida e cultura material de fronteira durante a guerra.

Estes documentos expressivos de tantas realidades sociais e jogos de poder, muitos deles foram impressos à ordem da Casa de Bragança, bem inseridos no alargamento das fronteiras sociais para lá da Corte e Academias, constituem-se numa cronística momentânea e de leitura oral inculcadora de memória heróica mas com ténues traços do dia-a-dia em tempo de guerra.

O acontecimento de guerra, os seus testemunhos directos ou indirectos, a representação daquele que se quer herói, as legitimações de poder e as suas dimensões sociais, desde logo tornam evidente uma memória heróica.

Mas será daqueles objectos de memória histórica ténue, muito ténue, que a grandes traços se dará conta como corpo de referências. Em aberto, para trabalho futuro, ficará toda a investigação subsequente de objectivação das descrições recorrendo a documentos arqueológicos e museológicos para lá da narrativa de dimensão literária.

**António Camões Gouveia**, é licenciado em História (1981) pela FCSH da UNL. Pós Graduado em História Cultural e Política

(1983) pela FCSH da UNL. Doutor em História e Teoria das Ideias, especialidade em História das Ideias Sociais (2006), pela FCSH da UNL.

Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona matérias no âmbito da História dos séculos XVI a XVIII.

Assistente Estagiário de 1981 a 1986, Assistente de 1987 a 1997, Assistente Convidado de 1998 a 2006 e Professor Auxiliar a partir de Junho de 2006.

Entre 1991 e 1997 manteve uma estreita e activa colaboração com a Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses.

É investigador do Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa (CHAM) e do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR).

Os seus interesses, investigações e publicações centram-se nas mentalidades, ideias e práticas sociais modernas, com contribuições de salientar para a história da nobreza, dos saberes, da vida religiosa e do quotidiano.

### **Antonio José Rodríguez Hernández (UNED) | *El ejército de la Monarquía Hispánica en su intento por recuperar Portugal***

El objetivo de nuestra ponencia es analizar en profundidad las fórmulas de movilización militar que la Monarquía Hispánica utilizó durante la Guerra de Restauración Portuguesa (1640-1668). Un conflicto peninsular poco conocido y trabajado por la historiografía española, al tratarse de una derrota militar que afectó gravemente a la reputación de la monarquía.

Nuestro objetivo es explicar como se formó el ejército que combatió en esta contienda, y que dificultades –y limitaciones–

encontró el alto mando militar hispano para afrontar el conflicto de manera adecuada. Analizaremos también como se estructuró la defensa de la frontera, y las fórmulas de guerra practicadas. Otro elemento de estudio será conocer la evolución numérica de las fuerzas militares que se encontraban en la Raya, y su fluctuación durante todo el conflicto. De esta manera profundizaremos especialmente en el periodo que va de 1657 y 1665. Años que se caracterizaron por una lucha más intensa en la frontera, ante la infructuosa ofensiva española que tuvo lugar especialmente entre 1661-63 y 1665. Un aumento de la presión militar sobre Portugal que se producía después de que la Paz de los Pirineos (1659) cerrara el gran conflicto franco-español del siglo, y que permitiera que España pudiera concentrar todas sus fuerzas y recursos en intentar recuperar Portugal.

**Antonio José Rodríguez Hernández.** Licenciado en Historia por la Universidad de Valladolid, y posteriormente Doctor en Historia Moderna por el Instituto Universitario de Historia Simancas de esa misma universidad, gracias a la tesis titulada *Los Tambores de Marte. El Reclutamiento en Castilla durante la segunda mitad del siglo XVII (1648-1700)*. En su etapa post-doctoral ha trabajado en las universidades de Almería y la UNED. También ha sido Visiting Scholar en el University College Dublin (Irlanda). Actualmente es Profesor Ayudante Doctor dentro del Departamento de Historia Moderna de la UNED. Dentro de la UNED ha ejercido varios puestos de gestión: Editor de la Revista *Espacio, Tiempo y Forma. Serie IV: Historia Moderna* (desde el 2013 al presente), secretario académico del Departamento de Historia Moderna (2015-2017), y Vicerrector Adjunto dentro del Vicerrectorado de Investigación e Internacionalización.

Sus investigaciones se han centrado fundamentalmente en el estudio del ejército de la Monarquía Hispánica durante el siglo XVII. Ha sido galardonado con el Premio Ejército en Investigación

en Humanidades y Ciencias Sociales 2006, gracias a la monografía: *España, Flandes y la Guerra de Devolución (1667-1668)*, Madrid, 2007. Ha publicado otras tres monografías y una treintena de trabajos en revistas y publicaciones científicas sobre el reclutamiento de soldados, la guerra, la composición de los ejércitos, las relaciones entre los soldados y la población civil, la concesión de nobleza o la venta de honores y cargos. En estos momentos es también IP del proyecto *Guerra, ejército y poder en la lucha por la conservación de la monarquía de Carlos II*, (HAR2016-80673).

**Carolina Esteves Soares (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa) | *As negociações entre Portugal e Castela para o Tratado de Paz (1665-1668)***

Passados vinte e cinco anos de guerra, no início de 1665, iniciaram-se os esforços para dissipar o conflito ibérico a partir dos artigos secretos do tratado de Madrid. O processo de negociação e de edificação do tratado de paz, mediado pelos ministros de Carlos II de Inglaterra, mostrou-se complexo e determinante para a definição do que seria o diálogo entre as duas coroas ibéricas.

Um caminho pautado pelas dificuldades económicas e pela instabilidade política de ambos os reinos e assombrado pela pressão internacional ditada pelos interesses dicotómicos da Grã-Bretanha e de França.

Assim, tendo em conta o esforço português para garantir, numa posição de igualdade, uma paz perpétua, interessa-nos nesta comunicação captar os principais objetivos de ambos os reinos e as principais técnicas de negociação aplicadas para os alcançar. Ao reconstituir o caminho percorrido até à formulação do capitulado da paz, analisando os meandros deste processo, os seus múltiplos avanços e recuos, será possível comparar as aspirações iniciais e o resultado final das negociações. Ademais, pretendemos

observar os treze artigos que resultaram destas negociações por compreenderem o que de facto foi alcançado e pelo papel central que assumiram nas décadas seguintes.

### ***The negotiations between Portugal and Castile for the Treaty of Peace (1665-1668)***

After twenty-five years of war, at the beginning of 1665, efforts begun to dissipate the Iberian conflict. The process of negotiation and building the peace treaty, mediated by the English king ministers, proved complex and decisive for the definition of what would be the dialogue between the two Iberian crowns in the years that followed. It was a path marked by economic difficulties and political instability in both kingdoms and haunted by international pressure dictated specially by the conflict of interests between Great Britain and France.

In this communication it is important to ascertain what were the main objectives and goals of both kingdoms, and to reflect upon the negotiation technics applied considering those ambitions. By following the process of negotiation it will be possible to compare the initial aspirations and the final result. Analysing the final thirteen articles of the Treaty and knowing the grand difficulties to apply them afterwards, I wish to understand the reason for the apparent absence of definition and it's consequences.

**Carolina Esteves Soares** é mestre em História na especialidade de História das Relações Internacionais pela Faculdade de Letras da Universidade Lisboa e licenciada em História pela mesma Universidade, frequenta agora o doutoramento em História, especialidade em História Moderna, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, trabalho realizado no âmbito da bolsa de doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Foi premiada em 2012 com a bolsa da Universidade de Lisboa/Fundação Amadeu Dias pelo projecto *A (re) construção do diálogo entre Lisboa-Madrid (1668-1703)*. No âmbito das investigações para tese de mestrado, fez um estágio na Universidad Complutense sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Nava Rodriguez. Foi investigadora bolseira da CIDH – Universidade Aberta / CLEPUL-Faculdade de Letras, participando em diversos projectos científicos como o *Dicionário dos Antis. A Cultura Portuguesa em Negativo*, o projeto *Aprender Madeira* e as *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, coordenados pelo professor José Eduardo Franco.

Actualmente é investigadora associada do CHAM, colaboradora do CH-ULisboa, do CLEPUL e também sócia-fundadora do Instituto Prometheus.

Tem desenvolvido os seus trabalhos em História da diplomacia nos séculos XVII e XVIII, focando-se na observação da maquinaria diplomática e dos processos de negociação. Também tem dado particular ênfase ao papel dos agentes diplomáticos na construção de redes de informação e o seu impacto na tomada de decisões.

### **Christopher Storrs (University of Dundee) | *How wars end***

How wars end is by no means a simple or straightforward matter. This paper seeks to set the Portuguese-Spanish treaty of 1668 in a broader context, exploring why wars end when they do, how they end and what are the longer-term implications of how they end in the way they do.

**Christopher Storrs** graduated in Modern History at the University of Oxford (St. Catherine's College) and was awarded his PhD (on Diplomatic Relations between William III and Victor

Amadeus II of Savoy 1690-1696) by the University of London (London School of Economics) in 1990. Since 1994 he has taught at the University of Dundee, where he is currently Reader in History. His main research interests include state formation, the rise and fall of empires, diplomacy, war and peace, and the nobility in early modern Europe. He has published widely on all of these topics. His major publications include the monographs *War, Diplomacy and the Rise of Savoy 1690-1720* (Cambridge, 1999), *The Resilience of the Spanish Monarchy 1665-1700* (Oxford, 2006) which was also published in Spanish translation, as *La Persistencia de la Monarquía Hispánica* (Actas, 2011), and *The Spanish Resurgence, 1713-1748* (Yale, 2016). He has also edited a collection of essays, *The Fiscal-Military State in the Eighteenth Century: Essays for P.G.M. Dickson* (Ashgate, 2009). His current projects include a study of the Spanish *antiguo regimen* c. 1470-c. 1840. Dr. Storrs is a Fellow of the Royal Historical Society, London.

**David Martín Marcos (UNED) | “No se había roto la guerra en todas las fronteras”. Tréguas locais, uma alternativa ao conflito na fronteira luso-espanhola, 1640-1668**

Longe de ser geral, a guerra entre Portugal e a Monarquia Hispânica iniciada em 1640, caracterizou-se pela sua descontinuidade espacial e temporal. Ao longo da fronteira, tiveram lugar centenas de pequenas escaramuças, muitas vezes desconexas, que balizaram um período convulso e que se constituíram num signo tão distintivo da guerra como as grandes batalhas. Porém, houve também longos períodos de inatividade militar e coexistência entre as comunidades da Raia. Esta comunicação visa analisar as razões que estiveram na origem

destes períodos de paz e o papel jogado neles pelas comunidades raianas. Para isso, desde uma perspectiva que enfatiza a capacidade política dos territórios da fronteira -quer complementando as decisões sobre a gestão da guerra adotadas em Lisboa e em Madrid, quer desenvolvendo soluções independentes, analisar-se-á uma série de tréguas locais desenvolvidas ao longo da Raia. O objetivo será demonstrar que estas foram o resultado de acordos locais com os que se pretendeu manter o conflito longe da via quotidiana, sem, em qualquer caso, pôr em causa a existência de uma fronteira.

Pelas suas especiais características e pela sua longa duração, a comunicação estudará o caso concreto da trégua estabelecida entre algumas comunidades do Além Guadiana português e o condado de Niebla. Se a historiografia explicou o pacto como uma consequência das relações dinásticas dos Bragança e os Guzmán (o condado era domínio da Casa Medina Sidonia), ou como uma pragmática decisão de Lisboa para promover a apatia perante a guerra na Baixa Andaluzia; aqui far-se-á uma leitura a partir das circunstâncias locais para situar as comunidades locais no centro da gestão e a manutenção de uma trégua que durou mais de vinte anos. Pretende-se assim pôr o foco na *agency* destas comunidades e apresentá-las como sujeitos ativos capazes de desenvolver soluções alternativas a um conflito.

**David Martín Marcos** é professor investigador 'Ramón y Cajal' na Universidad Nacional de Educación a Distancia. Estudou História nas Universidades de Messina e Valladolid, onde se doctorou em 2009 com uma tese sobre a política exterior do Papado na primeira metade do século XVIII, reconhecida com prémio extraordinário. Foi bolsheiro de investigação da Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma (2005-2006), e membro do Instituto Universitario de Historia Simancas (2007-2010). Foi também investigador visitante na Universität Wien, Áustria (2007), e na

Universidade Nova de Lisboa (2010-2011). Posteriormente foi investigador 'Juan de la Cierva' (2011-2014), na UNED e investigador de pós-doutoramento FCT e professor auxiliar convidado na FCSH. Autor de uma extensa produção científica, entres as suas publicações destaca as monografias "El Papado y la Guerra de Sucesión española" (Madrid, Marcial Pons, 2011) e "Península de Recelos. Portugal y España, 1668-1715" (Madrid, Marcial Pons, 2014), pelo que recebeu o Prémio Cátedra de Estudios Hispánicos Antonino Fernández y Cinia González. Igualmente, é coordenador das obras "Conflictos y Sociedades en la Historia de Castilla y León" (Valladolid, Universidad, 2010), "Monarquías Encontradas. Estudios sobre Portugal y España en los siglos XVII-XVIII" (Madrid, Sílex, 2013) e "Repensar a identidade. O mundo ibérico nas margens da crise da consciência europeia (Lisboa, CHAM, 2015).

**Felipe Vidales del Castillo (UCM) | *"What is the way of planting their vinos and oyles? And what the greatest depth of their mines?" Los intereses de la Royal Society en la negociación del Tratado de Lisboa (1663-1668)***

En 1660 Inglaterra entraba en las negociaciones de paz previas al Tratado de Lisboa. Su papel como mediador hizo que un cambiante grupo de diplomáticos se moviese en esos años entre Londres, Lisboa y Madrid. A comienzos de 1666 llegaba a Lisboa el irlandés Robert Southwell como ayudante del embajador inglés, conde de Sandwich, donde permanecería hasta el final de las negociaciones. En Lisboa estaba ya desde 1663 el marqués del Carpio, primogénito de Luis de Haro y capturado en 1663 tras la derrota castellana de Estremoz, que actuaría como plenipotenciario y firmante de la paz en nombre de la Monarquía Hispánica

Ambos tardaron poco tiempo en comprobar el mutuo interés

político y diplomático pero también científico que compartían. Southwell tenía dos cometidos distintos, cada uno dependiente de la institución a la que representaba. Como político, negociar una paz entre Portugal y la Monarquía Hispánica beneficiosa para el comercio inglés y conseguir la liberación de Carpio para desatascar la negociación. Como *fellow* de la Royal Society londinense, su cometido era tan variado como ambicioso: conseguir libros de historia y geografía de autores portugueses que no podían adquirirse en Londres; observar los eclipses que se producirían en 1666; adquirir piedras, minerales, plantas, semillas, animales procedentes de Brasil para remitirlos a la sede londinense; conocer qué métodos se desarrollaban en las plantaciones vinícolas y cómo se obtenía en Portugal el aceite; etc.

El círculo creado alrededor de Southwell y Carpio en Lisboa en la recta final de la negociación de paz, y la circulación de información científica entre Lisboa, Madrid y Londres serán los motivos de análisis y debate de esta comunicación.

### **Abstract**

In 1660 England entered into peace negotiations prior to the Treaty of Lisbon, as well as a changing group of diplomats to move in those years between London, Lisbon and Madrid. At the beginning of 1666 the Irish Robert Southwell arrived in Lisbon as an assistant to the English ambassador, Earl of Sandwich, where he remained until the end of the negotiations. Already in Lisbon was since 1663 the Marquis of El Carpio, the eldest son of Luis de Haro who was captured in 1663 after the defeat of Estremoz, who would act as plenipotentiary and signer of peace in the name of the Spanish Monarchy.

Both Carpio and Southwell realized soon the mutual political and diplomatic -but also scientific- interest they shared. Southwell had two distinct tasks, each depending on the institution he represented. As a politician, negotiate a peace between Portugal

and the Spanish Monarchy which was beneficial to English trade and achieve the liberation of Carpio to reflote negotiations. But as a fellow of the Royal Society of London, his assignment was as varied as ambitious: to get books on history and geography written by portuguese authors that could not be purchased in London; to observe the eclipses that would happen in 1666; to acquire stones, minerals, plants, seeds, animals from Brazil to be sent to the London headquarters; to know what methods were developed in the wine plantations and how the oil was obtained in Portugal; etc.

The network created around Southwell and Carpio in Lisbon at the end of the negotiation, and the circulation of scientific knowledge between Lisbon, Madrid and London will be the topics to discuss during this presentation.

**Felipe Vidales del Castillo** tiene una licenciatura en Historia en la Universidad Complutense y es Doctor en Historia por el Departamento de Historia Moderna de la UCM, con la tesis "El VII marqués del Carpio y las letras", dirigida por Fernando Bouza Álvarez. Fue Visiting student en el European University Institute de Florencia y Visiting Fellow en el Warburg Institute de Londres. Recibió el Premio Nacional de Bibliografía 2017 otorgado por la biblioteca Nacional de España y el Ministerio de Cultura a su tesis doctoral. Actualmente es colaborador honorífico del Dpto de Historia Moderna y Contemporánea de la UCM.

**Fernando Dores Costa (IHC-UNL) | *A economia moral da guerra no tempo da Restauração***

A Guerra da Restauração ficou marcada por um paradoxo: os portugueses não conseguiram aproveitar a fraqueza das forças militares adversárias que designavam correntemente como «os castelhanos» quando esta fraqueza foi mais vincada e acabaram por obter três vitórias militares na época em que o lado da

monarquia dos Áustria melhor organizou as campanhas em Portugal.

As ações ofensivas, por «entrepresa» ou por campanha, não obtiveram êxitos politicamente decisivos, mas as ações defensivas, feitas em resposta a ações inimigas, obtiveram resultados favoráveis. Estamos num domínio em que, por excelência, as contingências têm uma especial importância e os agentes da época sabiam-no muito bem. Apenas num dia tudo se podia decidir, nomeadamente perdendo um exército num confronto infeliz.

O que vos proponho é a caracterização da economia moral da guerra nesse época.

**Fernando Dores Costa**, doutorado em Sociologia e Economia Históricas pela Universidade Nova de Lisboa. Participa desde 1986 na renovação da investigação de vários temas de história social portuguesa dos séculos XVII, XVIII e XIX, nomeadamente o da formação das forças bélicas desde o período da Restauração ao da Guerra Peninsular. Foi membro do Instituto de Sociologia Histórica da UNL (até 2007), do Centro de Estudos de História Contemporânea do ISCTE (até 2013) e integra presentemente do Instituto de História Contemporânea da UNL. Autor ou co-autor de *A Guerra da Restauração – 1641-1668* (Lisboa: Livros Horizonte, 2003), *Insubmissão. A aversão ao serviço militar em Portugal no século XVIII* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010) e *D. João VI. Um príncipe entre dois continentes* (Círculo de Leitores, 2006; edição brasileira, São Paulo, 2008) e de cerca de 60 outras publicações.

## **Iván Gracia (Universitat de Barcelona) | Narrativas de la violencia: la Revuelta Catalana (1640) y la Monarquía Hispánica**

Esta comunicación pretende examinar la relación entre violencia popular y religión en el contexto de la Revuelta Catalana o de los Segadores de 1640.

El 7 de junio de aquel año, día de Corpus Christi, estalló una revuelta popular en Barcelona que acabó con la vida del virrey de Cataluña y algunos de sus ministros. Desde 1635, con motivo de la guerra franco-española, las poblaciones catalanas habían tenido que alojar a los tercios desplazados al territorio, imposición que desencadenó en una profunda crisis social y que encontraría su momento crítico aquel 7 junio. La población culpaba al virrey y a sus ministros de la Real Audiencia por no haber castigado los saqueos de casas e iglesias perpetrados por unos soldados reales considerados sacrílegos.

A través del análisis de crónicas, cartas y diarios, plantearé que esta revuelta no fue una expresión de rabia descontrolada, sino un levantamiento que siguió unos pasos perfectamente definidos e intencionados. A través de una serie de actos de violencia ritualizada contra cuerpos y objetos, los segadores deslegitimaron y castigaron públicamente los ministros reales. Por otro lado, la revuelta también se encargó de construir su propia legitimidad a través de la apropiación de algunos de los espacios religiosos más simbólicos de la ciudad: tras la muerte del virrey, los segadores desfilaron en procesión a través de las calles y plazas utilizadas anualmente para la celebración del Corpus Christi.

La violencia y el uso del espacio público fueron los instrumentos que los segadores tenían al alcance para construir una narrativa religiosa que legitimaba su insurrección.

## ***Narratives of violence: the Catalan Revolt (1640) and the Hispanic Monarchy***

This paper aims at examining the relationship between popular violence and religion during the Catalan Revolt of 1640, also known as Reapers' Revolt.

On the 7th June 1640, the day of Corpus Christi, a rebellion broke out in Barcelona, which ended with the assassination of the viceroy of Catalonia and some of his ministers. Since 1635, in the Franco-Spanish War context, the Spanish *tercios* had been causing trouble in Catalonia among civilians, who were forced to lodge them. The population blamed the viceroy and his ministers of the Royal Audience for not punishing the lootings of homes and churches committed by the *tercios*, who were considered sacrilegious troops by the population.

Through the analysis of chronicles, letters and diaries, I will demonstrate that this riot was not an expression of uncontrolled rage, but an uprising, which followed very clear steps. Through a series of ritualized acts of violence against bodies and objects, reapers publicly delegitimized and punished the royal ministers. Reapers also built their own legitimacy by appropriating of some of the most symbolic religious spaces of the city: after the assassination of the viceroy, people spontaneously marched in a procession through the streets and squares used for celebrating the Corpus Christi festivity.

The use of violence and the appropriation of public space were the means rebels had to build a religious narrative which legitimized their insurrection

**Iván Gracia** cursó el Grado en Historia (2014) y el Máster en Historia e Identidades en el Mediterráneo Occidental (siglos XV - XIX) (2015) en la Universitat de Barcelona. Desde 2015 es doctorando en la UB bajo la dirección de los doctores Joan Lluís Palos (UB) y Joana Fraga (ICS-ULisboa), y desde 2017 está

contratado por la misma universidad como investigador predoctoral. En su tesis doctoral está estudiado la violencia ritual durante la *Revolta dels Segadors* y la posterior construcción narrativa del acontecimiento. Forma parte del proyecto *Poder y Representaciones Culturales en la Época Moderna: la monarquía hispánica como campo cultural (1500-1800)* y del *Grup d'Estudis d'Història del Mediterrani Occidental*.

**Joana Fraga (ICS-UL) | "Apagar com sangue o que se escrevera com tinta": textos e imagens da revolta portuguesa de 1640".**

Esta comunicação tem como objectivo analisar a propaganda gerada a partir da revolta de 1 de Dezembro de 1640, que pôs fim a 60 anos de União Dinástica. As notícias da aclamação do duque de Bragança como D. João IV correram rapidamente de norte a sul do reino e houve uma aceitação generalizada. No entanto, o novo monarca sabia que o seu reconhecimento definitivo a nível nacional – e sobretudo internacional – não seria uma tarefa simples. Paralelamente à guerra que se preparava contra Espanha, gerou-se um elevado número de textos e imagens propagandísticos que visavam convencer da legitimidade do rei, combatendo assim a noção de rebeldia.

No reino, essa propaganda pautou-se por ter um carácter eminentemente textual. Os sermões, por exemplo, foram um dos formatos mais populares para chegar a uma audiência o mais alargada possível. Já a nível internacional, os enviados de D. João IV às principais cidades europeias foram responsáveis por encomendar não só panfletos e obras de carácter histórico e político, como também imagens, sempre com o objectivo de manipular a opinião pública e obter o reconhecimento dos monarcas europeus e do Papa. No entanto, estes esforços foram

muitas vezes combatidos pelos espanhóis e pelos seus apoiantes, que procuravam evitar que tanto imagens como textos vissem a luz do dia, mesmo que isso implicasse por vezes por em perigo os seus autores.

This paper aims at analysing the propaganda generated from the revolt of the 1<sup>st</sup> December 1640, putting an end to 60 years of dynastic union. The news of the acclamation of the duke of Braganza as João IV spread quickly across the kingdom and there was a general acceptance of the new political situation. However, the king knew that the recognition of his legitimacy inside and outside the kingdom would not be a simple task. At the same time as the war was being prepared against Spain, a large number of propagandistic texts and images was put in circulation reinforcing the legitimacy of the new dynasty and fighting the notion of rebel.

In the kingdom, this propaganda was mainly textual. Sermons, for instances, were one of the most popular formats to reach large audiences. Internationally speaking, the envoys of João IV sent to the main cities of Europe were responsible for commissioning not only pamphlets and books of history and politics but also images (namely engravings), always with the goal of manipulating the public opinion and achieving the acknowledgment of the new political situation and military and economic support from the monarchs and the Pope. But these efforts were often fought – sometimes by threatening their authors – by the Spanish and their supporters, who tried to prevent images and texts from circulating.

**Joana Fraga** é investigadora de pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais – ULisboa (MSCA Individual Fellowship). Previamente foi investigadora na Università degli Studi di Torino (MSCA Co-Fund Fellowship) e na École des Hautes Études en Sciences Sociales. A sua tese de doutoramento, “Three revolts in

images: Catalonia, Portugal and Naples (1640-1647)”, defendida na Universitat de Barcelona (2013) explora o uso das imagens como meios de comunicação no contexto das revoltas da Monarquia Hispânica.

O seu projecto de investigação actual tem como objectivo entender como era construída a autoridade dos vice-reis e dos governadores-generais – os representantes máximos dos monarcas portugueses – nos Estados da Índia e do Brasil entre 1640 e 1750.

Entre as suas principais publicações destacam-se “Representing the king: the images of João IV of Portugal (1640-1652)” en: Malte Griesse, ed., *Iconic Revolts: Political Violence in Early Modern Imagery*, Brill (*no prelo*); e “Trois révoltes en images: Catalogne, Portugal et Naples (1640-1647)”, com Joan Lluís Palos: Alexandra Merle and Alain Hugon, *Sublevaciones, rebeliones y revoluciones en la Monarquía Hispánica*. Madrid: Casa de Velázquez, 2016.

### **João Paulo Oliveira e Costa (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa) - *D. João IV e o Império***

De 1580 a 1640 o império ultramarino português sofreu mudanças consideráveis, resultantes da aposta dos estados atlânticos europeus na construção de impérios coloniais ou redes de comércio oceânico, o que levou sobretudo ao confronto intenso com holandeses e a alguns choques com ingleses. Ao mesmo tempo, o próprio paradigma do império português continuou a alterar-se, num movimento detectável desde a criação do governo-geral do Brasil e que foi marcado pelo desenvolvimento de estratégias de ocupação territorial a par da velha política de imperialismo marítimo.

Em 1640, o império português vivia um momento de particular dificuldade por via da amputação das capitánias do nordeste do

Brasil e pelo colapso de uma parte significativa do sistema marítimo tanto no Atlântico como nos mares da Ásia. A Restauração confrontou todo o império com a sua ligação à Europa e todas as partes, à excepção de Ceuta, optaram por manter o vínculo a Lisboa e ao seu governante.

Ao longo do seu reinado, D. João IV teve como prioridade absoluta a defesa do reino face à Espanha pelo que a evolução do Império foi um processo predominantemente orgânico que resultou mais das iniciativas dos poderes ultramarinos e das populações do que da definição de uma estratégia por parte da coroa. Foi nestas condições que se deu a mudança definitiva de paradigma do império português com o predomínio definitivo do modelo da territorialização, marcado pela sobrevivência e reorganização de quase todas as possessões que dispunham de *hinterland* e pela perda de quase todas as praças ligadas exclusivamente ao comércio marítimo.

**João Paulo Oliveira e Costa**, é docente do Departamento de História da FCSH desde 1990, onde ensina disciplinas e seminários relacionados com a Expansão Portuguesa na Época Moderna, a História da Ásia Antiga e as Metodologias da História.

Doutor em História (1998) e Director do CHAM desde 2002. Especializado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, em particular nos séculos XV e XVI e na Ásia.

As dissertações de mestrado e de doutoramento versaram sobre a presença portuguesa no Japão e foram complementadas por estudos sobre a nobreza no reino e na formação do Estado da Índia, tendo dirigido projectos financiados pela FCT sobre estas temáticas entre 2000 e 2008. Depois alargou o campo de estudos globalmente aos séculos XV e XVI.

Autor de biografias de D. Manuel I (2005) e do infante D. Henrique (2009).

## **Jorge Penim de Freitas | *Entre a espada e a pena: as "Regras Militares da Cavalaria Ligeira" de D. João de Azevedo e Ataíde***

D. João de Azevedo e Ataíde teve uma breve carreira militar como capitão e comissário geral da cavalaria portuguesa na Guerra da Restauração. Acabou por ser dispensado do serviço militar pelo Rei em 1647, após algumas derrotas comprometedoras no Alentejo. Apesar disso, escreveu um notável tratado militar sobre cavalaria ligeira, único do género em Portugal, o qual permaneceu manuscrito e esquecido durante mais de 370 anos.

### **Abstract**

D. João de Azevedo e Ataíde had a brief military career as captain and *comissário geral* (major) of horse in the War of the Portuguese Restoration. He was dismissed from the King's service in 1647, consequence of some embarrassing defeats in Alentejo. Nevertheless, he wrote a remarkable military manual on the light cavalry, unique of its kind in Portugal, that remained in manuscript and forgotten for more than 370 years.

**Jorge Penim de Freitas** é natural de Cascais. Licenciado em História e Mestre em História Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro correspondente da Comissão Portuguesa de História Militar. Docente do Ensino Secundário. Entre várias obras publicadas, destacam-se as seguintes: *A Cavalaria na Guerra da Restauração, 1641-1668. Reconstrução e evolução de uma força militar*, (Prefácio, Lisboa, 2005); *O Combatente durante a Guerra da Restauração, 1640-1668. Vivência e comportamentos dos militares ao serviço da coroa portuguesa* (Prefácio, Lisboa, 2007 – dissertação de mestrado, galardoada com o Prémio Defesa Nacional em 2003). Colaborou no *Atlas de História de Portugal* (Fundação Francisco Manuel dos

Santos, actualmente no prelo). Tem participado em vários Colóquios de História Militar e é autor de artigos e comunicações publicados em revistas portuguesas e estrangeiras.

Mantém, desde 2008, o blogue de divulgação *Guerra da Restauração* ([guerradarestauracao.wordpress.com](http://guerradarestauracao.wordpress.com)).

**José Antonio Guillén Berrendero (Universidad Rey Juan Carlos) | *Que somos nós: a honra e o sangue em João Pinto Ribeiro e António de Villas Boas e Sampaio***

La ponencia frisa analizar el concepto de nobleza en la tratadística nobiliaria portuguesa en el periodo 1640-1700 y su adaptación a la coyuntura de conflicto . Se analizará la obra de dos autores geminales como son João Pinto Ribeiro , propagandista de la Restauração y de un receptor de la idea de nobleza como fue Antonio Vilas Boas de Sampaio. La recepción de valores como la fidelidad y el servicio se convierten en factores de indudable conflicto durante el periodo del congreso .

**José Antonio Guillén Berrendero** trabalha atualmente no Departamento de Ciências da Educação, Língua e as Artes, na Universidade Rei Juan Carlos. Foi Assistente de Investigação como doutoranda Marie Curie no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Investigador de Pós-doutoramento Contratada (FCT do Governo de Portugal) na Universidade de Évora (CIDEHUS).

José Antonio tem dedicado as suas investigações em torno dos estudos comparados, da ideia de nobreza na Europa, estudos de corte e cerimónias do poder real, heráldica e história cultural e história social na Idade moderna.

## **José Manuel Santos Pérez (Universidad de Salamanca) | Entre dos "restauraciones". Cambios y permanencias en el Brasil post-"hispanico"**

O período de 1640 a 1668 visto desde o Brasil tem muitas possíveis derivações, muito além da simples interpretação filonacionalista ou de "Restauração" das "liberdades" portuguesas. Tradicionalmente, o período pós 1640 tem tido uma atenção muito maior por parte da historiografia que o período anterior devido a uma suposta escassez de fontes e ao desinteresse por um período interpretado como escuro e decadente. Contribui também a existência no Brasil de outra "Restauração", a dos territórios previamente conquistados pela Companhia Holandesa de Índias Ocidentais (WIC). Novas interpretações aparecidas nos últimos anos oferecem um novo entendimento do que significou o território da América portuguesa no quadro geral das possessões americanas dos três Filipes espanhóis, o que pode dar luz para uma maneira diferente de ver os eventos pós 1640 e suas articulações atlânticas.

**José Manuel Santos Pérez** es profesor Titular de Historia de América de la Universidad de Salamanca. Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea (desde 2002). Doctor en Geografía e Historia. Tesis: "Política y comercio. El cabildo y los regidores de Santiago de Guatemala, 1713-1787." Universidad de Salamanca, (27.09.1996). Director del Programa de Doctorado en Historia Moderna, Contemporánea y de América del Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea de la Universidad de Salamanca. Programa con Mención hacia la Excelencia otorgada por el Ministerio de Educación, (desde 2010).

**José María Iñurritegui (UNED) | "La Restauração y la taxonomía de los intereses de los estados".**

Incorporando los supuestos científicos de la *mathesis universalis* cartesiana, desde mediados del Seiscientos algunos autores procedieron a trazar tabulaciones cuantitativas y cualitativas entre los estados y sus intereses. Semejantes taxonomías perfilaron una jerarquía y un orden político global en el que el interés de los estados acababa instaurándose como soberano efectivo. Y blindaron, a su vez, una concreta forma de lectura de la capacidad de los supuestos culturales de los diferentes actores europeos para incorporar y priorizar el papel de aquellos intereses de estado en sus respectivas agendas políticas.

Recuperar la frontera cultural invariablemente proyectada en ese ejercicio de ordenación y análisis del interés puede tener cierto sentido en esta sede. En principio, porque ya en el texto de apertura de aquel linaje, suscrito por el duque de Rohan a finales de la década de los 30, Portugal comparecía exclusivamente de la mano del trágico destino de Sebastián I, como exponente de una cultura fallida por su adhesión a la pasión e impermeabilidad frente a la razón. Pero aún más sustantivamente, porque en el texto sin duda más influyente y decisivo de aquella panoplia de taxonomías, el suscrito por Samuel Pufendorf en 1682 bajo el título de *Einleitung zur der Historie der vornehmsten Reiche uns Staaten, so itziger Zeit in Europa sich befinden*, podían superponerse sin ninguna estridencia la celebración de la Restauração con el destierro tanto de Portugal como de España a la esfera degradada de los sujetos culturalmente incapacitados para la asimilación de la soberanía del interés. Y con ello anticiparse la más honda sustancia del discurso de la incapacitación que para ambas terminaría concretándose en los cenáculos de la incipiente Ilustración.

**José María Iñurritegui** es profesor de História Moderna de la UNED. Es uno de los mejores especialistas en la historia del pensamiento político en la Edad Moderna. Desde hace unos años, su interés se ha centrado prioritariamente en la guerra de Sucesión y el profundo debate doctrinal a que dio lugar.

**José Moura Ferreira (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)| “A todas as cidades, lugares e fortalezas”: A Restauração de 1640 e o Estado da Índia**

Em inícios de março de 1642, na igreja lisboeta de Santo Antão-o-Novo, durante o tradicional sermão do primeiro domingo da Quaresma, um padre rogava aos fiéis que juntassem as suas vozes em louvor a Deus pela boa nova vinda do Oriente. Após uma longa e dificultosa viagem por terra, chegara a Lisboa um mensageiro trazendo consigo a notícia de D. João IV ter sido reconhecido como rei “legítimo e natural” pelas cidades e fortalezas do Estado da Índia. Relatando este acontecimento a *Gazeta* do mês de março anunciava “que el Rey nosso Senhor estaua já naquellas partes acclamado por Rey, com grande aplauso, até dos príncipes Moiros”. Longamente debatida pela historiografia ibérica, a Restauração de 1640 e o fim dos sessenta anos de União Dinástica têm sido alvo de novas interpretações ao longo das últimas décadas. Menos conhecidas, porém, são as dinâmicas que marcaram o reconhecimento da nova situação política nas conquistas ultramarinas da Coroa portuguesa e, particularmente, no Estado da Índia. Tomando como ponto de partida três episódios distintos, ocorridos em Goa, Cochim e Macau, este texto procura então analisar estas dinâmicas, chamando a atenção para os seus múltiplos significados e interpretações.

Abstract:

In early-March 1652, in the church of Santo Antão-o-Novo, in Lisbon, during the traditional sermon of the first Sunday of Lent, a priest called on his congregation to join their voices to praise God for the goods news that had arrived from the East. After a long and difficult journey by land, a courier had arrived in Lisbon bringing news that John IV had been sworn as the “true and natural king” by the cities and fortresses of the Portuguese State of India. Retelling this news, the *Gazeta* of that month announced that: “the King, our Lord, is already acclaimed King in those parts with great applause, even among the Moorish princes”. Long discussed by the Iberian historiography, the *Restauração* of 1640 and the end of sixty years of Dynastic Union has been the object of many historiographical interpretations in the past decades. However, the dynamics which lead to the recognition of the new regimen by the overseas conquests and, particularly, by the State of India have been hitherto neglected by these interpretations. By focusing on three episodes that took place in Goa, Cochim and Macau, this paper aims to scrutinize these dynamics, questioning their multiple meanings and interpretations.

**José Miguel Moura Ferreira**, licenciado em História e mestre em História Moderna e dos Descobrimentos pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-NOVA), com a tese “A Restauração de 1640 e o Estado da Índia. Agentes, Espaços e Dinâmicas”. Encontra-se atualmente a realizar o seu doutoramento em História no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), no âmbito do programa doutoral PIUDHist, com uma investigação dedicada à história dos projetos coloniais de desenvolvimento agrícola e florestal em Goa nos séculos XIX e XX. É ainda assistente de investigação do CHAM – Centro de Humanidades (CHAM, FCSH,

Universidade NOVA de Lisboa) e membro da equipa editorial da revista *Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*.

**Luís Costa e Sousa (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa) | *Guerra da Restauração no Brasil, entre "gente armada e desarmada"***

Pretende-se abordar a forma como evoluiu a situação militar no Brasil desde o início da colonização efectiva (anos 30 do século XVI), e que culminou na primeira batalha de Guararapes (19 de Abril de 1648) Toma-se como ponto de partida este notável encontro militar para analisar as várias fases da actividade bélica dos portugueses: a "guerra lenta" combatida contra os holandeses entre 1625-1640, a batalha de Guaxenduba (19 de Novembro de 1614) que pôs fim à "França Equinocial". Destacar-se-á a articulação entre a guerra de tipo europeu (contra "gente armada") com as diferentes tradições militares no espaço colonial português (a "gente desarmada").

***The "War of the Restoration" in Brazil, between "armed" and "unarmed" foes***

It is intended to address how the military situation in Brazil evolved since the beginning of the effective colonization (1930s), which culminated in the first battle of Guararapes (April 19, 1648). This remarkable military encounter will provide the starting point to analyze the various phases of the Portuguese military activity overseas: the "Guerra lenta" ("slow war") fought against the Dutch between 1625-1640, the battle of Guaxenduba (November 19, 1614), which put an end to "Equinocial France", underlining the articulation between the European-kind of war (against "armed people") and the different military traditions found within in the Portuguese colonial space (the "unarmed people").

**Luís Costa e Sousa** é licenciado em Arquitectura na FAUTL (actual FAUL) em 1990. Apresentou a dissertação de Mestrado na CH-FLUL em 2006 (prémio de Defesa Nacional de 2006), e completou o doutoramento em História dos Descobrimentos e Expansão pela mesma instituição (2013). Dedicou-se ao estudo da ligação entre a produção artística quinhentista com a escrita e prática de guerra em Portugal no século XVI, tema sobre o qual tem vários livros, artigos e comunicações. O seu último livro, *Construir e desconstruir a Guerra em Portugal 1568-1598* (prémio de Defesa Nacional 2015, ex-equo). Participou no projecto "Monumenta: Documentos Inéditos ou Raros sobre Belém do Pará" (bolsa Fernão Mendes Pinto, Instituto Camões, Jul.2016-Jan.2017). Foi bolseiro de pós-doutoramento no CHAM (FCT UID/HIS/04666/2013) Fev.2017-Jan.18), com o projecto "Imagens e representações da guerra em Portugal (1521-1621) sinalização de espólio iconográfico". Presentemente prepara o início do projecto FCT-I&R "De Re Militari: Da escrita da guerra à imagem do campo de batalha no espaço português (1521-1621)" (PTDC/ART-HIS/32459/2017).

Graduated in Architecture by the Faculdade de Arquitectura de Lisboa (1990), and completed his Ph.D. in History of Discoveries and Expansion (CH-FLUL), developing the theme of the link between 16th century artistic production with the writing and practice of war in Portugal in the 16th century. His master dissertation earned the prize Prémio de Defesa Nacional (2006), as well as his last book "Construir e desconstruir a Guerra em Portugal 1568-1598" (2015). It has several books, articles and communications on the articulation between Art and War in the XVI-XVII centuries, namely in the study of the military treatises and iconography of the war. He is He is actually a post-doctoral fellow from CHAM (UID/HIS/04666/2013), developing a project

involving a systematic survey of military iconography, on various physical supports, for this chronology. It is leading researcher of the project "De Re Militari: From military literature to the battlefield imagery in the Portuguese space (1521-1621)" PTDC/ART-HIS/32459/2017.

**Luis Salas Almela (Universidad de Córdoba) | *La casa de Medina Sidonia y la guerra en la frontera (siglos XVI y XVII)***

A la altura de diciembre de 1640 la relación de la casa ducal de Medina Sidonia con Portugal contaba ya con, al menos, un siglo y medio de historia. Dicha relación hay que situarla como parte de un proceso más amplio por virtud del cual la fortaleza del poder señorial de los Guzmán se fue proyectando con gran intensidad sobre el triángulo atlántico del Estrecho de Gibraltar, incluyendo el norte de África y, por supuesto, toda la Baja Andalucía y el reino del Algarve. Esta perspectiva amplia es importante para contextualizar la colaboración que por vía de inobediencia prestó el IX duque de Medina Sidonia a su cuñado, el duque de Bragança, en los extremadamente difíciles primeros meses de la rebelión de Portugal. La frustración de la conjura que el propio aristócrata andaluz estaba dispuesto a encabezar cuando fue descubierta en agosto de 1641 marginó a su casa señorial a un ostracismo político cuyo reflejo en el desarrollo del articulado de la paz de 1668 se puede percibir en la importancia muy secundaria que se concedió al caso de los parientes *guzmanes* del rey don Pedro I de Portugal, pese a la insistencia de éste en que Sanlúcar de Barrameda –la posesión más valiosa de los duques andaluces, retornada al realengo por Felipe IV como castigo al duque conjurado– formase parte de las debatidas restituciones que se negociaron entre ambos reinos.

**Luis Salas Almela** es profesor en la Universidad de Córdoba desde inicios de 2018. Se doctoró en *Historia y Civilización* por el Instituto Universitario Europeo de Florencia en 2006. En enero de 2008 se incorporó al CHAM (Lisboa), desde donde obtuvo un contrato para vincularse a la Escuela de Estudios Hispanoamericanos del CSIC (2009). En 2012 obtuvo un contrato Ramón y Cajal que ya disfrutó en la Universidad de Córdoba.

Su tesis doctoral aborda el estudio de la alta nobleza en los siglos XVI y XVII a través del caso de estudio de una poderosa casa señorial de la Monarquía Hispánica, la de los duques de Medina Sidonia. Enfocado desde la perspectiva metodológica de la historia del poder, este trabajo puso de manifiesto la necesidad de abordar de forma unitaria el análisis de todas las manifestaciones de poder que caracterizaron a la nobleza territorial. En su etapa postdoctoral amplió sus estudios sobre las ramificaciones en el comercio indiano de la nobleza andaluza, en particular en su aspecto fiscal.

Entre sus publicaciones, cabe destacar sus monografías en editoriales de gran prestigio, como son Marcial Pons (Madrid, 2008) o Brill (Boston-Leiden, 2013)."

**María del Carmen Saavedra Vázquez (Universidad de Santiago de Compostela) | *La Guerra entre Portugal y España vista desde Galicia: sus efectos sobre la organización militar***

Desde el punto de vista militar, la guerra entre Portugal y España iniciada en 1640 resulta un conflicto todavía poco conocido. Como ocurrió en su época, la atención preferente prestada a la revuelta catalana ha contribuido a oscurecer tanto la propia contienda como sus efectos. A mayor abundamiento, la situación de los territorios castellanos fronterizos ha sido investigada de manera muy desigual. Esto no solo dificulta la obtención de una

adecuada visión de conjunto, sino también la valoración de sus particularidades territoriales.

En este caso, se analiza la realidad de Galicia, una región que no siendo estratégicamente prioritaria en la guerra, sí hubo de realizar un importante esfuerzo militar debido a su condición fronteriza. Dicha circunstancia no solo tendría efectos económicos y sociales, sino también políticos y organizativos. Estos últimos serán objeto de atención preferente en la intervención, tratando de verificar la trascendencia de los cambios surgidos en este momento. La prioridad otorgada a la guerra terrestre sobre la marítima constituye el punto de partida del discurso, que se centrará en tres cuestiones básicas: lo que supuso la defensa y fortificación de la frontera, la creación de tercios de naturales o la potenciación del papel militar de la hidalguía a corto y a medio plazo.

**María del Carmen Saavedra Vázquez** es licenciada en Historia por la Universidad de Santiago con Premio Extraordinario de Licenciatura. Tras haber sido Becaria del PFPI y completado su formación con estancias en el Instituto Francesco Datini de Prato (1989) y en la Universidad de Leiden (1990), actualmente ejerce como Profesora Titular de Historia Moderna en la universidad compostelana. Como complemento a su labor docente en los últimos años ha impartido diversos cursos de doctorado en las Universidades Complutense de Madrid, Vigo y País Vasco, además de haber sido responsable académica del Congreso Internacional Innovación Metodológica y Docente en Historia, Arte y Geografía (Santiago de Compostela, 2011).

Su investigación se orienta hacia el estudio de la realidad política de época moderna, habiendo dedicado sus primeros trabajos al análisis de las instituciones locales y regionales gallegas en la época de los Austrias. En los últimos años ha prestado atención preferente a la evolución de la organización militar en

Galicia, el impacto de la guerra sobre la región, la financiación de la actividad militar, las transformaciones experimentadas por el ejército y la armada y los caracteres sociales de sus integrantes.

**Miguel Ángel Melón (Universidad de Extremadura) | *Planificar lo imposible. El discurso militar ilustrado para recuperar lo perdido en 1668***

A lo largo del siglo XVIII los españoles mostraron un creciente interés por conocer Portugal. Al margen de algunas generalidades acuñadas durante la historia compartida y cuyo traumático final había dado lugar a su consideración de "reino enemigo y segregado de la Corona", de él se sabía muy poco, "lo mismo que del Malavar o Cochinchina", a decir de algunos. Un repertorio apresurado de publicaciones, junto con las noticias facilitadas por quienes lo habían visitado por los más diversos motivos, fueron los instrumentos que sirvieron de guía a las tropas que cruzaron la frontera el 4 de mayo de 1762. A partir de ellas puede extraerse una imagen del espacio donde se libraría una guerra cuyas razones últimas solo unos pocos alcanzaban a comprender, pero donde se hicieron realidad los sucesivos planes desplegados por el Ejército español para recuperar lo perdido en 1668, según consta en alguno de sus dictámenes. De las imágenes que permanecían en la memoria de los españoles sobre la historia pasada, así como de los proyectos concebidos por destacados militares para la conquista de Portugal, trata esta aportación. Las obras de Pedro Rodríguez Campomanes, Francisco Mariano Nipho, José de Torrubias y Ponce, o el geógrafo Tomás López, plasmaron las primeras; el Conde de Aranda, Alejandro O'Reilly o Gonzalo O'Farrill, entre otros, forman parte de la nómina de quienes redactaron los segundos.

### ***Planning the Impossible. The Illustrated Military Discourse to recover what was lost in 1668***

Throughout the 18th century, the Spaniards showed a growing interest in acquiring a deeper knowledge of Portugal. Apart from some generalities coined during the shared history, whose traumatic end had given rise to the consideration of Portugal as an "enemy kingdom, segregated from the Crown", very little was known about it, "the same as about the Malavar or Cochinchina", as some said. A hasty repertoire of publications, together with the news provided by those who had visited the country for the most diverse reasons, were the instruments that served as a guide to the troops that crossed the border on May 4th, 1762. An image of the space where a war would be fought can be extracted from them; a conflict whose ultimate reasons only a few could understand, but where the successive plans deployed by the Spanish Army to recover what had been lost in 1668 became a reality, according to some opinions. This contribution deals with the images that remained in the memory of the Spaniards about past history, as well as the projects for the conquest of Portugal conceived by outstanding military men. The works of Pedro Rodríguez Campomanes, Francisco Mariano Nipho, José de Torrubias y Ponce, or the geographer Tomás López, describe the former; the Count of Aranda, Alejandro O'Reilly or Gonzalo O'Farrill, among others, are part of the list of those who wrote about the latter.

### ***Planificar o impossível. O discurso militar Ilustrado para recuperar o perdido em 1668.***

Ao longo do século XVIII, os espanhóis mostraram um interesse crescente por Portugal. À margem de algumas generalidades inventadas durante a história comum, cujo final traumático tinha dado lugar à sua consideração como "reino inimigo e separado da Coroa", dele muito pouco se sabia, "tanto

como do Malabar ou da Conchinchina”, segundo alguns. Um repertório apressado de publicações, em conjunto com as notícias fornecidas por aqueles que o tinham visitado por motivos da mais diversa índole, foram os instrumentos que serviram de guia às tropas que atravessaram a fronteira a 4 de maio de 1762. A partir delas pode extrair-se uma imagem do espaço onde teria lugar uma guerra cujas razões últimas apenas alguns conseguiriam compreender, mas onde se tornaram realidade os sucessivos planos do Exército espanhol para recuperar o perdido em 1668, segundo consta em alguma das suas ordens.

Das imagens que permaneciam na memória dos espanhóis sobre a história passada, assim como dos projetos concebidos por militares destacados para a conquista de Portugal, trata o presente contributo. As obras de Pedro Rodríguez Campomanes, Francisco Mariano Nipho, José de Torrubias y Ponce, ou o geógrafo Tomás López, plasmaram as primeiras; o Conde de Aranda, Alejandro O’Reilly ou Gonzalo O’Farrill, entre outros, fazem parte do elenco dos que redigiram os segundos.

**Miguel Ángel Melón Jiménez** es Catedrático de Historia Moderna en la Universidad de Extremadura (España). Autor de los libros *Hacienda, comercio y contrabando en la frontera de Portugal, siglos XVI-XVIII* (1999) y *Los tentáculos de la Hidra. Contrabando y militarización del orden público en España, 1784-1800* (2009), ha sido responsable de dos Proyectos de Investigación titulados “Las fronteras del Imperio español (1659-1812). Procesos de definición, formas de ocupación del espacio, y sistemas de control del territorio”, y “Dinámica de las fronteras en periodos de conflicto. El Imperio español (1640-1815)”. Figuran entre sus publicaciones de los últimos años las siguientes: “Nunca es útil que manden muchos a la par”. Aduanas, resguardos, mossos y militares en la Cataluña del siglo XVIII” (*Pedralbes*, 2013); “La frontera entre rejas de papel” (*Mélanges de la Casa de*

Velázquez, 2014); "The Spanish-Portuguese Frontier (1297-1926). Identity in the half way between dialogue and settlement of accounts" (Routledge, 2014); "Un juego diplomático plagado de incertidumbres. Las negociaciones que precedieron al comienzo y al final de la guerra entre España y Portugal, 1762-1763" (Vegueta, 2016); "La guerra vista desde las atalayas de la frontera. La correspondencia del capitán general de Extremadura, 1761-1763 (Itinera, 2017)"; "Badajoz (1811-1812). Asedios y defensas de una ciudad fronteriza" (*Società e Storia*, 2017); "La imposible definición y control de un espacio permeable. La frontera de España y Portugal, 1767-1799" (Hismundi, 2017). Coordina el Grupo para el Estudio de la Historia Social del Occidente Moderno Peninsular (GEHSOMP), de la Universidad de Extremadura.

**Pedro Cardim (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa) | *Conquista, colonização e escravatura na guerra de propaganda entre Portugal e a Monarquia Hispânica***

Esta comunicação incide num conjunto de seis textos de propaganda pró-portuguesa. Impressos na década de 1640, em pleno confronto militar e no calor da guerra panfletária travada entre publicistas ao serviço quer de Portugal, quer da Monarquia Hispânica, esses seis escritos têm um tema em comum: a comparação entre, por um lado, o modo como os espanhóis se comportaram no Novo Mundo e, por outro, a acção dos portugueses na Ásia. A imagem que sobressai dessa comparação é um rasgado elogio da acção dos portugueses na Ásia e uma crítica demolidora do comportamento espanhol na América. Além disso, nesses textos equipara-se o que aconteceu a Portugal entre 1580 e 1640 ao que sucedeu aos ameríndios depois de 1492. Termos como *conquista*, *colónia* e *escravo* são nestes textos utilizados com toda a intencionalidade.

Esta comunicação inscreve-se, pois, nos estudos sobre o papel

desempenhado pela propaganda na construção (e na disseminação) de identidades contrapostas e no fomento de antagonismo entre diversas populações. Além disso, também se argumenta que essa guerra de propaganda foi uma das primeiras ocasiões em que os portugueses compararam a sua acção colonizadora com a que foi levada a cabo por outros povos europeus, retratando-a como fundamentalmente mais benigna.

**Pedro Cardim**, é Professor Associado de História Moderna na Universidade Nova de Lisboa (UNL). É autor de vários estudos sobre Portugal e o seu lugar no mundo ibérico durante o início do período moderno. Organizou vários encontros internacionais sobre a história das monarquias ibéricas. Ele serve como membro do conselho do CHAM - Centro para as Humanidades (UNL).

